



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE EDUCAÇÃO
PLANO NACIONAL DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DA EDUCAÇÃO BÁSICA – PARFOR
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

MARIA DE JESUS DOS SANTOS ALMEIDA

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ABORDAGEM SOBRE A
TRAJETÓRIA ESCOLAR DE QUEM VIVE E TRABALHA NA REGIÃO
RIBEIRINHA DE GURUPÁ - PARÁ**

GURUPÁ-PARÁ
2023

Maria de Jesus dos Santos Almeida

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ABORDAGEM SOBRE A
TRAJETÓRIA ESCOLAR DE QUEM VIVE E TRABALHA NA REGIÃO
RIBEIRINHA DE GURUPÁ - PARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação, do *Campus* Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia.

Professor orientador: MSC. Marconde Ávila
Bandeira

GURUPÁ, PARÁ

2023

**OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ABORDAGEM SOBRE A
TRAJETÓRIA ESCOLAR DE QUEM VIVE E TRABALHA NA REGIÃO
RIBEIRINHA DE GURUPÁ - PARÁ**

Elaborado por

MARIA DE JESUS DOS SANTOS ALMEIDA

Como requisito para obtenção do grau de
Licenciada em Pedagogia

Apresentado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. MSC. Marconde Ávila Bandeira (Orientador)

Prof. Dr. Luiz Carlos Bezerra (Membro da Banca Examinadora)

Profa. MSC. Raimunda do Socorro (Membro da Banca Examinadora)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

D278d de Jesus dos Santos Almeida, Maria.
OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA
ABORDAGEM SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE
QUEM VIVE E TRABALHA NA REGIÃO RIBEIRINHA
DE GURUPÁ
- PARÁ / Maria de Jesus dos Santos Almeida. —2023.
30 f.

Orientador(a): Prof. Me. Marconde Ávila Bandeira
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de
Altamira, Faculdade de Educação, Altamira, 2023.

1. Educação do Campo. 2. Desafios no
Campo. 3. Qualidade de Ensino. I. Título.

CDD 370

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho de conclusão do meu curso de Pedagogia primeiramente a Deus por até aqui ter me dado essa oportunidade única de concluir minha primeira graduação. Dedico a minha família por todo apoio, aos meus amigos que sempre me apoiaram ao longo do curso, ao meu Orientador Prof. Msc. Marconde Bandeira que compartilhei minhas dúvidas a respeito do tema, a minha Prof.Msc. Dienne Marly Pontes, que desde o início me deu muito apoio nessa longa jornada.

AGRADECIMENTOS

Agradecer a Deus que permitiu e me deu sabedoria em todos os momentos de alegria e de tristezas na universidade, a minha família principalmente a minha mãe Raimunda Santos que sempre foi meu alicerce e minha base para que eu pudesse seguir meus estudos. Agradecer ao PARFOR-UFPA por nos proporcionar esses conhecimentos maravilhosos com os Doutores e mestres. Agradecer a minha turma por toda união e coletividade que tivemos dentro de sala. Só gratidão senhor. Obrigada

Sumário

INTRODUÇÃO	11
1 REFERENCIAL TEÓRICO	12
2 METODOLOGIA	14
3 TRAJETÓRIA DA INFÂNCIA AO ENSINO SUPERIOR	15
3.1 Saberes da Infância.....	15
3.2 Acesso à escola	17
3.3 Ensino Fundamental.....	19
3.4 Ensino Médio	21
3.5 Trajetória Profissional no magistério	22
3.6 Formação Inicial no Curso de Licenciatura em Pedagogia.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	28

OS DESAFIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO: UMA ABORDAGEM SOBRE A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE QUEM VIVE E TRABALHA NA REGIÃO RIBEIRINHA DE GURUPÁ - PARÁ

MARIA DE JESUS DOS SANTOS ALMEIDA¹

Resumo: O presente memorial trás uma breve discussão de quem vive no meio rural, a educação do povo campesino é uma educação que precisa de políticas públicas e um currículo voltado ao ensino do campo onde os alunos possam ter todos os direitos em seu aprendizado, uma educação de qualidade onde esses alunos e professores possam ter uma estrutura adequada no ambiente escolar. Então essa política estruturante possa proporcionar uma educação de qualidade ao povo campesino em base nas reflexões voltada a educação e a coletividade do povo campesino, trás um debate muito importante, pois esse povo que sempre luta por seus filhos uma educação de qualidade onde é bastante sofrido. Então é um desafio para todos que vive no meio rural, ribeirinhos, onde as crianças possam aprender sobre seu lugar, sua cultura, onde ela possa dialogar com a sua própria realidade que elas possam ter uma educação que seja por metodologias voltadas para a educação do campo. É fundamental que as políticas publicas possam conhecer as diferentes realidades do povo do campo e que possam assegurar uma educação de qualidades.

Palavras-chave: Educação do Campo, Desafios no Campo e qualidade de ensino.

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura em Pedagogia (2019)
Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica
Faculdade de Educação-Campus Universitário de Altamira-Universidade Federal do Pará
E-mail: maryahsantos1505@gmail.com

The challenges of field education: An approach on the School Trajectory of those who live and work in the riverside region of Gurupá-Pará.

ABSTRACT

Abstract: This memorial brings a brief discussion of those who live in rural areas, the education of the peasant people is an Education that needs public policies and a curriculum focused on teaching the field where students can have all the rights in their learning, a quality education where these students and teachers can have adequate structure in the school environment. So this structuring policy can provide a quality education to the peasant people based on the reflections focused on education and the collectivity of the peasant people, brings a very important debate, because this people who always fight for their children a quality education where it is greatly suffered. So it is a challenge for everyone who lives in rural, riverside areas, where children can have an Education that is by methodology aimed at the education of the countryside. It is essential that public policies can know the different realities of the people of the countryside and that they can ensure an Education of qualities.

Keywords - Keys: Field Education, Field Challenges and Quality of Teaching.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa teve como proposta abordar os desafios da educação do campo, através de relatos reais sobre a minha história de vida, pois sou moradora da região rural Marajoí do município de Gurupá – Pará, pertencente ao arquipélago marajó e que na atualidade sou professora que vivencio os desafios que educadores e alunos precisam superar diariamente.

Como é notória a complexidade da educação do campo, se diferenciando em muitos aspectos da escola urbana, pois além das questões de acesso e infraestrutura, o sujeito campestre, desde muito cedo precisa trabalhar para ajudar no sustento da família, fator que somado a forma como se estabelece o ensino nessas regiões, tornam ainda mais complexo para o aluno do campo, prosseguir com os estudos para além das etapas ofertadas na localidade em que mora.

A escolha do tema que norteou esta pesquisa se deu pelo desejo despertado em mim como acadêmica do Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica, da Faculdade de Educação, do *Campus* Universitário de Altamira, da Universidade Federal do Pará, uma vez que passei a ter um olhar mais crítico sobre a minha realidade. Sou moradora da zona rural, local em que também atuo desde 04 de abril de 2012 como professora.

As literaturas nos mostram que a escola é o espaço de formação social e política dos sujeitos, desta forma deve ser o lugar em que se socializam os saberes acumulados, se perpetua a cultura e a produção dos conhecimentos ao longo dos tempos. Porém, o povo campestre ainda luta por um ensino que valorize seus saberes, que seja desenvolvido levando em consideração a realidade local, para que possam desenvolver projetos e reflexões sobre suas realidades, que estimule a criticidade e autonomia do sujeito do campo, para que assim compreenda que ele é o responsável por transformar a sua própria.

A educação do campo é historicamente resultado das lutas do povo em busca de melhorias, através da garantia dos direitos fundamentais, para isso é necessário que sejam elaboradas Políticas Públicas locais voltadas ao entendimento de que o campo é a sua casa e lá está toda sua história de vida, de trabalho, de produção e reprodução de conhecimento e que é nesse local que ele deseja ficar e estudar, recebendo conhecimento formal, permeado por elementos que o identifique, pois lá é o local onde as pessoas devem estar em contato com conhecimentos e com culturas diversas, mas, sobretudo valorizar as que são produzidas no local onde vivem. Não para fechar-lhes horizontes, mas para abri-los do campo ao mundo.

Diante do exposto, questiona-se: quais os principais desafios enfrentados pelo aluno ribeirinho da região de Gurupá - Pará, para ter acesso à Educação Básica? Como estão as ações do poder público municipal na atuação para garantia do direito a Educação Básica ao aluno da zona ribeirinha do município de Gurupá - Pará?

A pesquisa se justifica por trazer elementos da realidade do povo da zona ribeirinha do município de Gurupá - Pará, uma vez que é de suma importância refletir sobre a Educação Básica ofertada ao povo campestre, sendo que esta muitas vezes, não leva em consideração a complexidade de fatores que envolvem a vida dos alunos do campo, que precisa trabalhar para

ajudar no sustento familiar, que rema e/ou caminha por horas para chegar a escolar que, o recebe em condições precárias, em classe multisseriada, essas são turmas constituídas por alunos de várias idades e distintas, tendo um único professor, que também desempenha as mais diversas funções para fazer uma escola funcionar.

Que ainda somados a isso, precisa atender ao currículo e ao calendário escolar estabelecido pela Secretaria Municipal de Educação, que muitas vezes não leva em consideração as especificidades da região na qual o alunado está inserido.

Para nós, sujeitos campesinos, encontrar pessoas que tiveram pouco ou nenhum contato com a escola, é bastante comum. Porém, o que mais chama atenção é a ideia que muitos possuem de que estudar é “ coisa de gente da cidade” , que somente o que é bom, é o que vem de lá, fomentando a concepção de povo inferior. Por este motivo, acredito que é de suma importância, proporcionar reflexão a sociedade brasileira, para que assim, consigam perceber que o campo é o lugar onde moramos, trabalhamos, onde produzimos história e reproduzimos nossa cultura e costumes, sendo fatores relevantes para que nos reconheçam como cidadãos de direitos.

Freire (1987) diz que este é um passo importante em busca da humanização dos sujeitos que estão imersos na exploração, na injustiça, e na opressão. É tomando consciência desta condição que os “ oprimidos” , poderão se libertar.

Portanto, abordar a educação do campo, utilizando como exemplo a minha história de vida e diante da realidade enquanto professora, será de grande valor acadêmico, pessoal e profissional, pois poderei mostrar que somos um povo persistente, que buscamos aprender com as dificuldades existentes e que almejamos mudanças, as quais, para nós, só será possível se adquirirmos conhecimentos através dos estudos.

Como objetivo geral visou refletir sobre as dificuldades vivenciadas por pessoas que residem na zona rural ribeirinha do município de Gurupá - Pará e, como **específicos**: discorrer sobre a realidade dos alunos do campo que é muito diferente dos alunos da cidade; Refletir sobre a importância de um currículo que atenda e respeite as características e as especificidades do povo campesino e; Propor reflexão sobre o trabalho docente e as dificuldades que enfrentam em prol de uma Educação Básica que possibilite aos educandos do campo, a compreensão de que através da educação poderão mudar a realidade em que vivem.

1 REFERENCIAL TEÓRICO

Neste capítulo, planifica-se o referencial teórico desta pesquisa, que se baliza nos autores que discorrem sobre a educação do campo, os quais foram: Arroyo (2010); Freire (1987, 1996); Ferreira e Brandão; Hage (2005); Hage e Barros (2010).

Para Hage e Barros (2010), o povo campesino é representado pelos povos: caboclos, pescadores, camponeses, ribeirinhos, povos da floresta, sem-terra, assentados, pequenos agricultores, imigrantes e colonos, oriundos, especialmente, das regiões nordeste e do centro-sul do país, entre outras.

Contudo, Freire (1987, p. 28), abordar a concepção de que tudo que é do campo tem

menor valor ou pouco conhecimento, pois:

De tanto ouvirem de si mesmos que são incapazes, que não sabem nada, que não podem saber que são enfermos, indolentes, que não produzem em virtude de tudo isto, terminam por se convencer de sua “incapacidade” (...) Os critérios de saber que lhe são impostos são os convencionais. Não se percebem, quase sempre, conhecendo, nas relações que estabelecem com o mundo e com os outros homens.

Nestas colocações as causas da pobreza que foi historicamente construída e da mesma forma, construindo-se a ideia de que o campo com um espaço, de atraso e de pouca cultura. Consequentemente o próprio homem camponês construiu em si, a ideia de sujeito desprovido de direitos.

Entretanto, Freire em (1996), destaca a importância de que o espaço da escola seja o local onde o aluno poderá socializar suas experiências, estar em contato com novas, para que assim consiga assumir-se como um ser histórico e social, crítico e atuante e, que também faz intervenções que irão beneficiar a sociedade na qual está inserido. Segundo o autor é através da educação que o sujeito consegue transformar a própria história, mostrando o poder da educação. Freire (1987) destaca que ela é imparcial, não é neutra e nem indiferente, mas que tanto pode destruir a ideologia dominante como mantê-la.

Hage e Barros (2010), mostrando a realidade do povo camponês, apontam que 19 milhões de brasileiros vivem em povoados, pequenas e médias cidades, que de um modo geral não conseguem atender a população no que se refere à saúde, educação e emprego, haja vista que a maioria não possui estrutura produtiva capaz de garantir qualidade de vida aos seus habitantes. Destacando ainda que os investimentos destinados a estas localidades são insuficientes.

A realidade supracitada durante muito tempo não era percebida por muitos de nós, que conscientes e gratos por merecer o pouco que o poder público nos ofertava, não nos percebendo como capazes de transformar a própria realidade. Acomodados, fomos permitindo que os governantes nos deixassem à margem da sociedade.

Arroyo (2010), alerta para o fato de que, quanto mais distanciarmos nossas análises sobre fatos que promovem as desigualdades, mais estaremos omitindo o papel do Estado enquanto reprodutor de um sistema desigual. Desta forma, quando condenamos os alunos do campo e suas famílias pelo fato de não concluir os estudos, estamos inocentando o Sistema, o Estado e suas instituições. Estaremos apagando décadas de produção de desigualdades.

Freire (1987) explica o comportamento do sujeito do campo mostrando que os oprimidos, se acomodam e acabam se adaptando, não enxergando possibilidades de mudanças, sentem-se incapazes, colocando-se ainda mais dependentes da estrutura dominadora.

Ferreira e Brandão (2011), afirmam que para rever a história do Brasil com relação à educação no campo, em que percebemos o processo de exclusão social e política deste povo sempre estiveram presentes em seu cotidiano, sendo tratados por eles, até bem pouco tempo, como “natural” .

Hage (2005), ressalta que professores e estudantes do campo, enfrentam muitas dificuldades, dentre elas às longas distâncias percorridas para chegarem à escola, vindo a pé, de barco, bicicleta, ônibus, a cavalo, muitas vezes sem se alimentar, enfrentando jornadas que chegam a 12Km e 8h diárias.

Hage (2005) aborda também a precarização das escolas multisseriadas se faz notar por um conjunto de particularidades que comprometem o processo de ensino-aprendizagem. O autor mostra ainda, que a instituição influi no desenvolvimento da criança, além do fato das escolas não oferecem nem um conforto, a maioria delas são barracos cobertos de palhas ou cavacos, sem estrutura, as carteiras de madeiras bem antigas, algumas com braços quebrados, outras são bancos de tabuas, outras escolas são construídas de madeira, muito antiga, na maioria delas estão comidas por cupins, cobertas de telha Brasilit, onde o calor é escaldante ou com goteira que molha os cadernos e sem banheiro essa é a triste realidade que vivem as crianças e jovens que ali estudam.

Esse referencial teórico dará suporte as reflexões pontuadas através das observações que realizei utilizando a minha vivência e a minha história de vida. Construindo essa narrativa sentindo-me livre das “ amarras” que o sistema tentou me condenar, contando minha história com orgulho para poder mostrar ao mundo que sou sujeita do campo, e que minha história, assim como de muitas pessoas que nasceram na zona rural de Gurupá, Pará, foi bem difícil e com poucas perspectivas para chegar até este Curso de Licenciatura em Pedagogia na Universidade Federal do Pará, mas que percebeu na educação o caminho para mudar a realidade em que vive.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, refere-se ao caminho metodológico dessa pesquisa, foi utilizado o gênero de memorial acadêmico, para refletir sobre a minha trajetória de vida para abordar a Educação Básica ofertada ao sujeito do campo. Pois conforme Oliveira (2005, p. 121):

O memorial é um documento escrito relativo à lembrança, à vivência de alguém; memórias. Deve conter um breve relato sobre a história de vida pessoal, profissional e cultural do memorialista; por isso mesmo é escrito com o uso da primeira pessoa.

Segundo Gil (2002), esse gênero tem como objetivo principal descrever e estabelecer relação entre a história que está sendo relatada e o tema abordado, sustentada por fontes de obra de autores, ou seja, material já elaborado por outros autores, constituído principalmente de livros e artigos científicos.

Sendo assim, o memorial é uma espécie de diário, no qual é possível descrever acontecimentos da vida que ficaram na memória, bem como os desafios encontrados ao logo do caminho percorrido em nossa vida acadêmica e profissional. De acordo com Severino (2007) Memorial constitui, uma autobiografia, configurando-se como uma narrativa simultaneamente histórica e reflexiva.

Percebe-se então que é um gênero que busca abordar as necessidades produzidas em

diferentes esferas da comunidade humana, bem como os desafios enfrentados, oferecendo ao sujeito participante a oportunidade de pensar em si mesmo, no âmbito social e educacional, possibilitando fazer recortes em sua história.

Para construção deste trabalho, utilizarei uma pesquisa do tipo descritiva autobiográfica reflexiva, que de acordo com Gil (2002), este tipo de pesquisa tem como objetivo principal descrever e estabelecer relação entre a história que está sendo relatada e o tema abordado. Estarei utilizando ainda, a pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2008, p.69):

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho desta natureza, há pesquisa e desenvolvida exclusivamente a partir de fontes bibliográficas.

O tipo de abordagem será a qualitativa, na qual leva em consideração uma relação dinâmica entre o sujeito e o contexto no qual está inserido, que segundo Minayo (2001, p.21): “este tipo de pesquisa trabalha com os diversos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes”. Explicando ainda que são esses fatores que diferenciam os seres humanos e que nos possibilita compreender sua realidade social, permite a interação entre pesquisador/sujeito-objeto, ou seja, busca a compreensão e explicações da dinâmica das relações sociais.

3 TRAJETÓRIA DA INFÂNCIA AO ENSINO SUPERIOR

Neste capítulo, realizou reflexões referente as dificuldades vivenciadas por pessoas que residem na zona ribeirinha do município de Gurupá – Pará e a realidade dos alunos do campo que é muito diferente dos da cidade. Como também a importância de um currículo que atenda e respeite as características e as especificidades do povo camponês, como ainda ponderações do trabalho docente e as dificuldades enfrentadas em prol de uma educação que possibilite aos educandos do campo, a compreensão de que através da educação poderão mudar a realidade em que vivem.

Para tanto, organiza-se em seis subcapítulos:

- 3.1) Saberes da Infância;
- 3.2) Acesso à escola;
- 3.3) Ensino Fundamental;
- 3.4) Ensino Médio;
- 3.5) Atuação no magistério;
- 3.6) Formação Inicial na Licenciatura em Pedagogia.

3.1 Saberes da Infância

Sou Maria de Jesus dos Santos Almeida, sétima filha de dez filhos, meu pai o senhor José Benício de Almeida, minha mãe Raimunda Cruz dos Santos, nascida no Rio Marajoí, no

Município de Gurupá-Pará, que fica Localizado à margem direita do Rio Amazonas. Localidade em que vivi com minha família até 18 anos, tínhamos uma vida simples, mas fomos criados com muito amor e humildade.

Na minha infância foi permeada por brincadeiras prazerosas, como brincar de casinhas com minhas irmãs, na época minha família não tinha condições financeiras, pois eram roceiros, então ganhamos duas bonecas na qual brincávamos muito, eu gostava de brincar futebol com os meninos no campinho, mas lá já existia aquele preconceito que meninas não poderiam brincar de bola, mas mesmo assim eu brincava, fico imaginando que nos dias atuais existe preconceito no meio rural, por muitas pessoas ainda serem leigos, não estão atualizados na sociedade em que vive.

A discriminação ela está presente no mundo todo, pois a sociedade tem esse olhar muito preconceituoso, hoje a diversidade incomoda muito mais que a desigualdade, pois a diversidade ela é olhada como algo equivocado porque tem muitas pessoas que se sente muito acima, sobre suas crenças e religiões e tem outras formas dentro da sociedade. Porque a pessoa preconceituosa tem uma marca de covardia ela se sente fraca por aquela pessoa não seguir seus padrões de vivências e até a família as vezes não dar esse acolhimento sobre a diversidade pois tem aqueles que vão escutar e não compreender e conversar com você, mas tem muitos pais estão um pouco perdido porque a diversidade é um tema muito tabu.

Nessas ações incasáveis, Estacheski (2016, p. 12) cita a dignidade humana que deve ser experimentada por todas as pessoas “ para que os preconceitos sejam rompidos e para que a sociedade atue de fato no combate à violência de gênero” . Ainda para Estacheski (2016, p.77): “ a escola, assim como a academia, precisa deixar falar e precisa aprender a ouvir. Isso nos ajudaria a compreender que podemos falar com, ao invés de apenas falar de” . Para a autora isso contribui para tornar uma preocupação de todas as pessoas o fim de preconceitos e violências de gêneros, classe e de raça/etnia, entre outras aprendendo sobre a dignidade humana.

Na minha infância era difícil objetos eletrônicos, como a televisão, os celulares, os tablets e, dentre outros, eram as brincadeiras de criança mesmo. Logo pela manhã ajudava meus pais nas tarefas de casa e a tarde estudava. Pois as famílias de lavradores, sempre amanheciam na roça, na lavoura, no cultivo da mandioca para a produção de farinha e, nas lembranças de que saíamos de madrugada para pegar a vaga na casa do forno, sempre às quatro horas da madrugada, e eu sempre ia para ser babá da minha irmã menor, que era nossa caçula.

A minha infância foi boa, brincava muito mesmo, meus pais nunca foram de nos explorar com trabalho, sempre aconselhavam que estudássemos na busca de um futuro melhor, pois a minha mãe sempre teve um sonho de ser professora, mas ela não teve a oportunidade, entretanto, sabe lê e escrever, mas nunca sentou em um banco de escola, meu pai sabe lê escrever mas ele aprendeu com os viajantes, quando era viajante antes de casar com minha mãe.

O movimento da educação do campo, neste âmbito, é propositivo na construção de uma sociedade inclusiva e concebe o campo com suas territorialidades, configurando-se em espaços de bem viver, de produção com base agroecológica e de exercício de interculturalidade.

Com relação ao movimento, Molina e Freitas (2011, 18) afirmam:

Esse processo nacionalmente se reconhece como Movimento da Educação do Campo. Sua novidade se refere principalmente ao protagonismo de sujeitos que não haviam antes ocupado a cena educacional brasileira: os trabalhadores rurais. É em função desse protagonismo que o conceito Educação do Campo se vincula necessariamente ao contexto no qual se desenvolvem os processos educativos e os graves conflitos que ocorrem nos territórios rurais brasileiros, em decorrência dos diferentes interesses econômicos e sociais em disputa pela utilização desses territórios.

Para Freire (2019), o diálogo entre os homens apresenta-se fundamental na educação que visa à construção de personalidades democráticas. O autor valorizava o sujeito analfabeto, mostrando que este produtor de conhecimento, defendendo que “ a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (Freire,1989, p.24). Trazia uma ideia de analfabetismo de adultos diferenciada, baseada nos círculos populares de cultura, que, naquele período, alicerçavam-se na educação popular. Defendia o diálogo e a interação como princípios para garantir a libertação do aluno e o direito a educação básica (Freire,2019).

3.2 Acesso à escola

O acesso à escola foi aos 8 (oito) anos, em 1997, na Escola Municipal São Sebastião, pois ainda lembro do meu primeiro dia de aula na escola, que foi tudo novo, na época a escola funcionava no centro comunitário. Fui direto para a primeira série, ao considerar que na época não existia a Educação Infantil, iniciava no primário.

Para Lima (2013, p.608), o crescimento, nos últimos anos, do debate acerca da educação do Campo, fato que atribui, principalmente, às lutas dos movimentos sociais do campo e à iniciativa de muitos educadores engajados com a transformação, “ [...] tanto das políticas de educação desenvolvidas no meio rural, quanto com as condições de exclusão social, negação de direitos e invisibilidade em que vive a população do campo” .

O exercício da docência na Educação Básica, cumprindo o estabelecimento nos artigos 12, 13, 61 e 62 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, nº 9.394/96 e nas resoluções 3/1997 e 2/1999, da câmara da Educação Básica, assim como os Pareceres 9/2002, 27/2002 e 28/2002 e as resoluções 1/2002 e 2/2002 do pleno do conselho Nacional de Educação, a respeito da formação de professores em nível superior para a Educação Básica, prevê a formação inicial em curso de licenciatura, estabelecendo como qualificação mínima, para a docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, o curso de formação de professores em Nível Médio, na modalidade Normal (BRASIL, 1996, 1997, 1999, 2002).

Segundo Arroyo (2004, p.13 apud ARROYO; CALDART; MOLINA, 2004)

É preciso educar um modelo de agricultura que inclui os excluídos, que amplia os postos de trabalho, que aumenta as oportunidades do desenvolvimento das pessoas e das comunidades e que avança na produção e na produtividade centradas em uma vida mais digna para todos e respeitadora de limites da natureza.

Neste aspecto, este foi o momento importante por ser meu primeiro contato com a escola, por ser curiosa, pois tudo era novo e tinha a vontade imensa de aprender, assim comecei a ler no primário. Foi uma turma de multiseriadas da primeira a quarta série do primário, hoje Ensino Fundamental anos iniciais, com trinta alunos e só uma professora, que se chamava Maria do Socorro Ferreira, hoje é professora aposentada, mas sempre foi uma excelente educadora.

No antigo primário e multisseriada era um desafio muito grande para os professores na educação do Campo e está sendo um desafio, pois as dificuldades com os conteúdos para cada série, ao mesmo tempo a falta de atenção para cada aluno dentro da sala ressaltando que os alunos tem dificuldades no aprendizado. “ [...] as escolas multisseriadas, em que pesem todas as mazelas explícitas, têm assumido a responsabilidade quanto à iniciação escolar de grande maioria dos sujeitos no campo” (HAGE, 2005, p.4).

São estas escolas as responsáveis pela iniciação escolar de grandes contingentes de brasileiros. Não fossem elas, os altos índices de analfabetismo que sempre marcaram a história da educação nacional seriam mais alarmantes (HAGE, 2005).

Nesta época, tinhamos como medidas corretiva, para quem não se comportasse, ficaria de joelhos em cima dos caroços de milho ou então abria a mão e levava uma régua. Assim eram medidas punitivas para disciplinar, pois todos os respeitavam.

Na primeira série do primário fui alfabetizada, sabia ler e escrever, no entanto, minha mãe não deixou passar para a segunda série, pois disse: “ precisava repetir mas um ano para que pudesse aprender mais” . E assim aconteceu, mesmo com a capacidade de está na segunda série, nesta perspectiva, houve atraso de um ano letivo.

Em 1998, comecei a segunda série na Escola São Sebastião, já sabia ler e escrever, de depois fui estudar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Chico Mendes em um igarapé chamado Marituba localizado mais abaixo da minha casa. Iamos de casco a remo, eu meu irmão e mas dois vizinhos, pois a escolinha ficava localizada mais longe, as vezes alagava o casco e perdia todo nosso material escolar. O professor foi o senhor Sebastião Rodrigues e hoje somos colegas de trabalho.

A metodologia de ensino dos meus professores na época era no formato tradicional, bruta, aprendia ou apanhava dos pais em casa ou ficaria de castigo. Ao aprender no formato tradicional o aluno não vai obter um aprendizado por sua vontade própria, ele só irá decorar o que esse professor vai passar. Esse professor ele vai ser visto como um disciplinador, ele não irá ensinar e nem despertar o interesse desses alunos, irá traumatizá-los, pois ele nada vai trazer algo novo para os alunos, vai trabalhar sempre aquele ciclo do tradicionalismo.

Como afirma Freire (2005, p. 68) “ [...] se o educador é o que sabe, se os educandos são o que nada sabem, cabe àquele dar, entregar, levar, transmitir o seu saber aos segundos. Saber que deixa de ser de `experiência feito` para ser transmitida” . Assim, muitos professores tem uma formação, tem um saber, para que eles possam entrar em sala de aula e repassam conhecimentos que o aluno sintá-se livre para pensar e compreender seus próprios conhecimentos. Como afirma Alves (2000, p. 18):

os métodos clássicos de tortura escolar como a palmatória e a vara já foram abolidos. Mas poderá haver sofrimento maior para uma criança ou adolescente que ser forçado a mover-se numa floresta de informações que ele não consegue compreender, e que nenhuma relação parecem ter com sua vida?

Contudo, não adianta dizer que tem essa educação libertadora se sua prática de educador tem um ensino tradicional, sendo que o aluno é oprimido por seu mestre.

No cotidiano, a metodologia de ensino é lúdica, em que as crianças são diferentes, principalmente movidas pelo meio eletrônico, mas são crianças com dificuldades em leitura como também na escrita, pois as leis garante muitas coisas que ampara elas. Eu aprendi muito na primeira série. O lúdico é a principal ferramenta na educação é um saber de forma progressiva para o aprendizado do aluno, aprende brincando, cantando, o brincar de uma criança é essencial em sala de aula, a importancia da ludicidade e a sua contribuição no aprendizado do aluno buscando um desempenho enriquecedor.

Vygotsky (1984, p.29), “ não hesitou em conhecer a brincadeira como sua própria condição no presente, agindo como se fosse maior. As crianças desafiam seus próprios limites, ações e pensamentos” . Pois o lúdico está desde os primeiros passos de uma criança, os primeiros passos para o raciocínio, ela vai desenvolvendo seu cognitivo de uma forma lúdica e os mediadores chegam para complementar todo esse processo cognitivo para que a criança tenha esse desenvolvimento e suas descobertas.

Ainda para Vygotsky (1984, p.21):

O brincar gera um espaço para pensar, sendo que a criança avança no raciocínio, desenvolve o pensamento, estabelece contatos sociais, compreende o meio, desenvolve habilidades, conhecimentos e criatividade. Compreendendo assim que o ato de brincar permite que aconteça a aprendizagem, o brincar é essencial para o desenvolvimento do corpo e da mente.

Foram muitos aprendizados colecionados ao longo da minha infância, sobretudo que para se brincar não precisamos ter brinquedos caros, podemos brincar com as brincadeiras tradicionais e que são brincadeiras saudáveis, brincadeiras conhecidas por nossos pais.

3.3 Ensino Fundamental

A prefeitura construiu os modelos de escolas, os chamados escolões em 2002 para que pudessem atender toda a comunidade escolar e ter mais espaços para que esses alunos pudessem desenvolver seu aprendizado e ter bons resultados, sobretudo, não existiam castigos, um professor por turma, antes as séries nas escolinhas iria até a quarta série do ensino fundamental, nos escolões até o oitavo ano. Pois Libâneo *et al* (2003, 328) afirma que:

A participação proporciona melhor conhecimento dos objetivos e das metas da escola, de sua estrutura organizacional e de sua dinâmica, de suas relações com a comunidade, e propicia um clima de trabalho favorável a maior aproximação entre professores, alunos e pais.

Na amazônia trabalhar com a classe multisserie é desafiador para o professor quanto para o aluno, pois todos esses docentes deveriam ser bastante valorizado em seu trabalho, pois muitos docentes não conhecem a realidade da classe multisserie. Pois no entanto muitas escolas ribeirinhas não tem uma estrutura de qualidades para receber esses alunos, as vezes tem duas salas, um banheiro para todos, e mesma a maioria das escolas da educação do Campo é na varzea não oferece uma estrutura adequada para esses alunos, a falta de um refeitório para que elas possam ter uma alimentação saudável, tudo isso pode atrapalhar o aprendizado desses alunos. De acordo com Beltrame (2009, p.3):

Os estudos sobre as escolas do campo revelam que, nesse contexto de contradições e desencontros políticos e administrativos, o professor (a) é o elo que permanece em meio às circunstâncias adversas. Apesar das dificuldades, ele/ela está lá. Sua presença solitária, isolada, revela a persistência e a tenacidade que caracteriza sua trajetória. Ele/ela e seus alunos em meio a precariedade, desenvolvendo um percurso de relações de saber e de conhecimento mútuo.

Esses grandes professores que trabalham nas comunidades ribeirinhas são poucos reconhecidos, eles que deveriam ser valorizados, pois são os maiores mentores por uma educação de qualidades para esse povo que sofrem com a desvalorização escolar, todos tem o direito de ter uma educação de qualidade.

No que se refere as dificuldades, tínhamos que acordar de madrugada para ir a escola, pois os Barcos passavam muito cedo, não dava tempo nem da minha mãe fazer o café, muitos igarapés para juntar todos os alunos e eu era a última a voltar para a casa, passávamos o dia todo na escola, almoçava tomava banho na escola, no rio mesmo, chegava em casa as seis horas da tarde.

O transporte escolar na região ribeirinha é bastante precário, pois muitos não são adequados para transportar essas crianças, muitas vezes usam rabetas, os barcos não são preparados, as crianças pegam sol e chuva, acabam molhando seus materiais didáticos. E falta de políticas públicas e o descaso com o povo campestre que tem essa carencia. Muitos professores que vão da cidade para a comunidade ribeirinha e tem dificuldades, pois muitos são professores que estão voltados para o currículo escolar da cidade zona urbana, não tem aquela prática para o ensino do povo ribeirinho. Assim as crianças ja tem dificuldades e seus mediadores não estão preparados para repassar esse aprendizado de uma forma que esses alunos possam entender. Para Arroyo, (2012, p.235), “[...] essa desigualdade tem determinantes históricos mais radicais e mais profundos: não é apenas desigualdade de acesso, mas da classificação dessas populações como diversas pelo padrão segregador do conhecimento, que é estruturante em nossa história política”.

O povo campestre sempre lutando pela igualdade de ter uma educação de qualidade para seus filhos e netos, lutam para as melhorias de seus filhos onde eles próprios não conseguiram estudar, mas a falta de políticas públicas para esse povo é uma escassez de olhar com igualdade para todos. Entretanto, mesmo diante de muitas dificuldades, o número de crianças na escola é grande, pois muitas dessas escola não tem infraestrutura para recebê-las, falta de cadeiras, falta de

espaços para as suas brincadeiras, com muitas dificuldades algumas crianças conseguem concluir o ensino fundamental no campo que é direito de toda criança ao transporte que é dever do Estado, que as políticas públicas locais deveriam se preocupar com esses descasos do povo ribeirinho.

Contudo, levamos em memórias aquilo que aprendemos, os primeiros passo para o ensino médio. Estudei o ensino fundamental em meios as dificuldades sobre um prédio escolar. Após mudamos para o centro comunitário pois o escolão estava em construção, o centro comunitário ficava bem próximo de minha casa, pois ficou mas fácil de eu ir estudar iria na ponte e logo chegava, estava no 5º ano do ensino fundamenta em 2004. E a escola se chamava Chico Mendes pois meus professores eram da cidade, estudava com cinco professores, eram ótimos Professores pois o ensino iria mudando, mas lúdico tinha saído do ensino tradicional. Fomos aprendendo algo novo, passamos ter mas matérias, disciplinas era algo novo para eu, estudei na EMEIF CHICO MENDES até 2005.

Em 2006, minha mãe achou melhor ter mas conhecimentos me matriculou no EJA na escola Paulo Rodrigues ensino fundamental, fui morar em Breves capital do Marajó, lá tive muitas dificuldades pois o ensino de lá era mais rígido, meu primeiro dia de aula foi legal, mas as semanas iriam se passando iria tendo mas dificuldades como na área da língua estrangeira english e espanhol, pois era novo pra mim, nunca tinha visto e estudado, tentei em desistir por questão financeira, mas minha tia incetivou a não desisti e sempre persistir, dificuldades tive muitas na cidade, mas continue tive apoio de alguns colegas de classe de professores e da coordenação Pedagógica da escola. Terminei meu ensino fundamental em 2006 terminei meu ensino fundamental.

3.4 Ensino Médio

Em 2007, foi o primeiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual Prof Maria Câmara Paes, localizada Rua Antônio Fulgêncio, 1776 Bairro do Aeroporto, foram muitas dificuldades, quase desistir, mas sempre com apoio da família, mesmo com muitas dificuldades financeiras, pois eram lavradores e roceiros, mas a mãe não desistiu de mim, sem falar no apoio de minha tia com a moradia em sua residencia. Pois é difícil quando o aluno sai do campo para ir atrás de seus sonhos e objetivos para a zona Urbana, a família sem condições de arcar com as dispesas e moradias, encontram muitas dificuldades. O povo campesino necessita de uma ter uma igualdade social, o ensino superior no campo, onde os filhos do camponês possa ter uma educação voltada a sua realidade, as suas raízes.

Para Brasil (2002, p. 116), as normas para a educação básica no meio rural,

[...] os sistemas de ensino proverão as adaptações necessárias à sua adequação, às peculiaridades de vida rural e de cada região, especialmente: I-conteúdos curriculares e metodologia apropriada às reais necessidades e interesses dos alunos da zona rural; II- organização escolar própria, incluindo a adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas; III-adequação à natureza do trabalho na zona rural.

Contudo, foram três anos de muito sacrifício, pois as dificuldades no Ensino Médio eram

persistentes, algumas notas baixas, pois eram 14 (quatorze) disciplinas, diferente da etapa anterior. Em contrapartida, os professores eram legais, o ensino maravilhoso, mas mesmo assim vem aquele momento de desistir, entretanto, não desisti, pois são nossos esforços que temos que persistir para termos educação igualitária formando cidadãos do povo campestre e a valorização desse ensino. Afirma Molina e Freitas (2011), o objetivo da Educação do campo, é a valorização da cultura campestre, e melhor a permanência e resistência de sua identidade. Sobretudo,

Em função dessa intrínseca vinculação, a Educação do campo compreende os processos culturais, as estratégias de socialização e as relações de trabalho vividas pelos sujeitos do campo em suas lutas cotidianas para manterem essa identidade como elementos essenciais de seu processo formativo. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo fazem parte dessas lutas (MOLINA e FREITAS, 2011, p.19).

Portanto, em 2010, foi a conclusão do Ensino Médio e, como tinha paixão por informática e a vontade de aprender, no segundo semestre de 2010, promovido pela Escola Emerentina a oferta de Curso de Informática que aconteceria no CEDEP Dr. João Messias dos Santos, com cursos Básicos de informática, Linux 2.0 Brofice.org (wiiter, cal, Impress e internet). Temos a necessidade de aprender sobre o ensino da tecnologia, pois é uma ferramenta que tornou-se necessário para nosso aprendizado, a informática no ambiente escolar é também um recurso didático explorando a melhor forma de usá-la. A falta de estrutura nas escolas da rede municipal vem sendo discutida por não haver o ensino da informática educacional. Para tanto, “Faz-se necessário que a Escola promova uma sensibilização nos seus profissionais, antes da implantação da Informática Educativa, para que estes, ao invés de rejeitarem o trabalho possam se interessar e se envolver nele, desenvolvendo projetos integrados”. (WEISS; CRUZ, 2001, p.59).

No período de 05 de agosto de 2011 à 05 de Março de 2012, cursei a informática avançada que tive que pagar, no curso profissionalizante de Informática na Escola Marajó Informática com carga horária de 96 horas. Pois, para Silveira (2001): “ [...] hoje, presenciamos a existência de uma nova agenda pública inserida nesta revolução tecnológica com o objetivo de enfrentar a exclusão digital. E o primeiro passo para isso, com certeza, é socializar o uso da informática na escola” .

3.5 Trajetória Profissional no magistério

No que se refere a trajetória profissional, iniciei no Laboratório de Informática da Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Chico Mendessmo Rio Marajoí, município de Gurupá-Pará, com início em 1º de abril de 2012, trabalhando com o sistema Linux, fui contratada para trabalhar com todas as turmas de 1º ao 8º ano do Ensino Fundamental da escola. Foi bastante aprendizado trabalhar com crianças e pré adolescente de todas as idades. Nas faltas de professores nas turmas dos anos iniciais eu sempre ficava na sala, e fui ganhando experiência de ensinar e começar trabalhar com crianças.

As escolas campestres precisam de um investimento de um Sistema pedagógico para a

inclusão da informática básica, para que esses alunos possam ser alunos críticos e entendendo a tecnologia como instrumento para seu progresso, buscando renovar sua educação de uma forma eficiente. Pois,

Quando se trata de considerar o fenômeno de aprendizagem, fazendo utilização desse produto tecnológico, não é reduntante enfatizar que a máquina em si não é capaz de produzir qualquer inovação em termos de novos conhecimentos [...] Por esse motivo, preferimos inúmeras vezes falar em termos de expansão das condições de desenvolver a inteligência. (PAIS, 2002, p.103).

Em 2014, sai da sala de informática e comecei trabalhar com a Educação Infantil, como professora suplente, parecendo que ao trabalhar com a educação Infantil o professor deve estar atento e observando cada passo, trabalhar com o lúdico foi uma experiência muito boa, pois é nessa fase que a criança está descobrindo o mundo ao seu redor. E o lúdico leva a criança ir além de sua imaginação. Para OLIVEIRA (2005), “ O brincar, assim como descobrir e inventar novas coisas e/ou técnicas, são possibilidades que se desenvolvem ao longo da história, muitas vezes de maneira entrelaçada.”

Assim, fui ganhando experiências na minha trajetória como professor e, em 2015, trabalhei com o segundo ano do Ensino Fundamental, mais outra experiência em alfabetizar crianças, o povo campesino é um povo que lutam muito por uma melhoria na educação do campo, pois sabemos que é um povo rico no conhecimento empírico, mas é pobre na alfabetização, e a maioria dessas pessoas analfabetas reside no meio rural, no campo.

Portanto, letrar uma criança que reside no campo é um desafio pois as dificuldades encontradas, pois muitas crianças ajudam seus pais na tarefa de casa e da roça. Mas como Ferreiro (2000, p. 61) afirma que “ nenhuma” prática pedagógica é neutra. Todas estão apoiadas em certo modo de conceber o processo de aprendizagem” . Sobretudo, para ser eficaz “ deverá adaptar seu ponto de vista ao da criança. Uma tarefa que não é fácil” .

Nesta perspectiva, participei do Pacto, (MEC/SEB,2012, p.13) e foi uma experiência e um aprendizado norteador para minha formação e trabalho docente, o pacto veio para que essas crianças pudessem alcançar na educação Básica o seu aprendizado na idade certa, onde pude perceber que foi um programa de rico conhecimentos para o professor da educação Básica. O pacto foi um programa desafiador para todos os alfabetizadores, para formação e ter uma nova visão sobre seus alunos e foi um reforço de aprendizagem para a alfabetização.

[...] o programa de formação continuada do PNAIC elenca concepções conceituosas e busca formar um perfil de professor alfabetizador, que terá a intenção de formar determinado perfil de estudante ou de cidadão, que atenderá as demandas da sociabilidade atual. (SOUZA 2014, p.3).

Então, a alfabetização pela idade certa ofertado pelo governo federal foi de suma importância e, para os professores da Educação Básica e que atuavam como alfabetizador, pois foi muito gratificante e aprendizado.

Em 2016, trabalhei, no período da tarde com Ensino Fundamental maior, do 6º ao 9º ano com as disciplinas de ciências e ensino religioso, outra experiência importante, pois também aprendi com os alunos. A troca de conhecimentos entre aluno e professor é muito importante, pois as vezes os professores não conhecem a realidade dos alunos, muitos tem dificuldade com uma disciplina e em outras, então o diálogo é muito importante no ambiente escolar. Pois para Freire (2010, p. 26) “ [...] nas condições de verdadeira aprendizagem, os educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo.

No período de 2017 a 2018, trabalhei com língua portuguesa no Ensino Fundamental maior, outra experiência excelente, apesar de não ter formação na disciplina. No ano de 2019 trabalhei com Artes e ensino religioso no fundamental maior.

Em 2020 foi época de pandemia, onde aconteceu mundialmente a maior pandemia da história, uma emergencia na saúde, ano que perdemos muitas pessoas no mundo todo, e ficamos totalmente sem direção para contiuar a vida normal.

Em 2021, na pandemia da Covid 19, fui convidada para trabalhar como interina na coordenação pedagógica das escolas E.M.E.I.F. CHICO MENDES, São Tomé e Santa Maria, tive uma experiência importante, aprendi novas atividades na coordenação de três escolas, um desafio como coordeadora iniciante. É desafiador para um coordenador pegagógico trabalhar com o povo campesino, coordenar a desorganização da escola, muitos professores do ensino médio que estão em sala de aula, ja vem com a difiuldade pois sem experiência escolar, trabalhar para que esses professores possa ter um norte em sala de aula, então o papel do coordenador pedagógico não é só está ali fiscalizando o professor, temos que nortear e agir para melhor aprendizagem desses alunos e cuidar para que não aja tanta evasão de alunos do povo campesino.

Então o que dificultou sobre meu trabalho como iniciante na coordenação Pedagógica foi mas a falta de formação inicial e o que demanda um trabalho integrado, integrador, com certeza de objetivos e propósitos e com um espaço construído de autonomia profissional. Que seja um processo ao mesmo tempo formativo e emancipador, crítico e compromissado com o aprendizado no ambiente escolar. Pois “ a pedagogia, na verdade, não estuda os sistemas de educação, mas reflete sobre eles, para fornecer à atividade do educador as ideias que orientam ” (DURKHEIM, 1985,p.79).

Em 2022 voltei para a sala de aula com o 1º ano dos anos iniciais, é muito bom trabalhar com que amamos e temos experiência tanto no lúdico, quanto nos trabalhos e atividades das crianças. Ja faço parte da educação há mas de dez anos, e trabalhar com essas crianças do campo é bastante enriquecedor, são crianças bastante curiosas para o aprendizado, temos que lapidar seus conhecimentos, são crianças que vivem no campo e que elas possam valorizar o lugar em que ela vive e saber onde vive e descobrir o quanto sua cultura é valiosa.

Então desde dos anos iniciais esses alunos precisam ser norteados e professor formar esse cidadão no campo com igualdade, pois ainda à um olhar mesnoprizado volltado para o povo campesino, pois esse povo tem seu modo de viver diferenciado, costumes difrentes, mas são

sujeitos do bem e que eles podem ser o que quiser, ter oportunidades de uma vida digna como outras pessoas, as vezes destacam professores que não tem experiência com o povo ribeirinho leva uma grade curricular da Zona Urbana o que esses alunos vão despertar? Nada. E assim fica um saber sem ser lapidado, pois não vai despertar essa curiosidade no aluno, ele vai congelar seu saber, pois ficaria uma aula monotona. As escolas do campo precisavam e necessitam de direção para construir o Projeto Político Pedagógico voltado para o campo, onde ele possa ter essa valorização em seu ambiente escolar. “Não basta ter escolas no campo; queremos ajudar a construir escolas do campo, ou seja, escolas com um projeto político – pedagógico vinculado às causas, aos sonhos, à história e à cultura do povo trabalhador do campo”. (ARROYO et.al., 2008, p.27)

Então a Educação do Campo necessita que as políticas públicas olhem com um olhar de igualdade para o povo ribeirinho, para que esse povo seja incentivado e conhecer seus próprios valores no lugar onde vivem.

3.6 Formação Inicial no Curso de Licenciatura em Pedagogia

Iniciei pelo PARFOR em 2019, esse programa é para os professores que atuam na rede pública. E tive essa oportunidade que poucas pessoas tem para ingressar em uma das maiores Universidades do Norte que é a UFPA. Poucos dos filhos dos ribeirinhos tem a oportunidade de está na Universidade. É importante frisar que todos os professores da Educação Básica devem ter essa formação inicial em sua atuação acadêmica para se tornar um ser ativo dentro do ambiente escolar. Como Tardif (2014), p. 229-230), ser “ importante os professores, sentirem-se sujeitos ativos no processo de exercício da docência, atores competentes e sujeitos do conhecimento.” Então um professor não pode ser um sujeito comodado no âmbito escolar, ele precisa lapidar seus conhecimentos para atender esses sujeitos e oferecer um ensino onde eles possam compreender, trazer conteúdos onde os alunos possam ter a curiosidade de perguntar, dialogar. Para esses autores:

É preciso assegurar que a formação de professores possibilite ao profissional docente saber lidar com o processo formativo dos alunos em suas várias dimensões, além da cognitiva, englobando a dimensão afetiva, da educação dos sentidos, da estética, da ética e dos valores emocionais. Exige ainda uma formação que promova a participação ativa do professor no projeto pedagógico da escola, em solidariedade com os colegas e com os alunos [...]. (GHEDIN; LEITE ALMEIDA, 2008, p.17).

Para nós professores que atua no campo é um conhecimento enriquecedor, pois o PARFOR trás um aprendizado de transformação, olhamos a educação do campo com um olhar de luta de um povo que transmite e tem a oportunidade de aprender com aquele que está transmitindo o conhecimento.

Frisando que em 2020 foi um ano difícil, onde o mundo todo sofreu com a pandemia Covid 19 e impactou com falta de estrutura nas escolas da educação do campo, onde teve pouco rendimento na educação. Foram muitas vidas perdidas, alunos e professores afastados das escolas. A dificuldade do povo campesino entrou em desespero, pois o distanciamento social foi uma necessidade para todos. Pois foi muitas dificuldades no ensino remoto para a educação do campo,

muitos alunos não tinham internet rural, poucos alunos conhecia as ferramentas do ensino remoto, não tinham computadores ou até mesmo celulares e dificultou muito em seu aprendizado. Crianças ficaram sem o ensino em casa, pois muitos pais trabalhavam na lavoura. Para alguns professores tiveram essa dificuldade em trabalhar com algumas ferramentas, como computador, Notebook, tablets e ficou difícil transferir esse conhecimento para os alunos ribeirinhos e campesino. Sanando aqui também, que poucos alunos do povo campesino têm acesso à internet. Tafarel e Souza (2020, p.24) afirma:

O método utilizado deve, portanto, estar embasado na inter-relação entre a teoria e a prática e na produção coletiva do conhecimento por parte dos/as educadores/as, dos/as estudantes, da família e da comunidade. O professor pode motivar a reflexão e incentivar a busca do conhecimento, aprendendo conjuavante no processo, e a família ser parte integrante na realização das ações pensadas.

Então para a educação do Campo, os currículos que vem para o campo são desnecessários, pois não corresponde com a realidade do povo campesino, isso causou um impacto maior ainda durante a pandemia do Covid 19. Pois são culturas diferentes, lugares diferentes de vivencia, o povo campesino precisa de metodologias adequadas para que possam compreender sua própria cultura.

Com a chegada da vacina em março de 2021, as escolas mesmo com a educação a distância tiveram poucos avanços, outros cenários diferenciados, mais com tudo perda de aprendizado, pois a educação do povo campesino teve poucos avanços, muitas crianças com idades entre 9 a 15 anos no 5º ao 9º ano não sabem ler e mesmo assim progrediram com muitas dificuldades. Pois muitos alunos evadiram do seu próprio aprendizado. Mas com muita preocupação com a educação do povo campesino e ribeirinho aqui no Município de Gurupá-Pa, a SEMED criou uma estratégia de trabalhar com as cartilhas produzidas pela acessoria técnica da Secretaria de Educação do Município, onde foi bastante importante para esses alunos campesinos, levando o conhecimento até suas residências acompanhados dos professores comm todo cuidado para que esses alunos não fossem prejudicados.

Em 2022 os trabalhos do povo campesino voltaram tudo ao normal, as aulas presenciais foram de muitos desafios, muitas crianças perderam muito com essa pandemia do Covid 19, pois ficaram desnordeada, sem uma educação de qualidade isso acabou gerando um grande índice de baixo desenvolvimento para aprendizagem dos alunos. Os alunos estavam adaptados sem estudar, quando retornaram as aulas eles tiveram dificuldade na adaptação em sala de aula junto ao professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como objetivo geral visa-se refletir sobre as dificuldades vivenciadas por pessoas que residem na zona rural ribeirinha do município de Gurupá - Pará e, como específicos: discorrer sobre a realidade dos alunos do campo que é muito diferente dos alunos da cidade; Refletir sobre a importância de um currículo que atenda e respeite as características e as especificidades do povo campesino e; Propor reflexão sobre o trabalho docente e as dificuldades que enfrentam em prol de

uma Educação Básica que possibilite aos educandos do campo, a compreensão de que através da educação poderão mudar a realidade em que vivem.

Afirmo que para trabalhar com o povo campestre, o professor precisa saber a realidade onde vai ensinar, pois poucos sabem, professores que despertem a curiosidade o diálogo a forma lúdica de ensinar de um professor do campo é um conhecimento enriquecedor para a aprendizagem desses alunos. Um desafio que poucos professores adotam para enfrentar.

REFERÊNCIAS

ARROYO, MIGUEL G. **POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESIGUALDADES: À PROCURA DE NOVOS SIGNIFICADOS.** *Educ. Soc.*, Campinas, v. 31. 2010

ARROYO, Miguel Gozalvez. **A educação básica e o movimento social do campo.** In.: ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C(Org.). *Por uma educação do campo.* Petrópolis: Vozes, 2011.

CAMPOS, Magda. **Manual de gêneros acadêmicos:** Resenha, Fichamento, Memorial, Resumo Científico, Relatório, Projeto De Pesquisa, Artigo Científico/Pape, Normas Da Abnt. Mariana- MG, 2015.

COMILO, M. E. S. **A construção coletiva da escola: a Escola Chico Mendes e sua História.** In: ANGHINONI, C.; MARTINS, F. J. (Org.). *Educação do campo e formação continuada de professores.* Porto Alegre; Campo Mourão: EST. Edições; FECILCAM, 2008. Cortez, 2001, p. 175 Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia:** Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GIL, Antônio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa.** Edição. SÃO PAULO. EDITORA ATLAS S.A. 2002

HAGE E BARROS. Salomão Antônio Mufarrej e Oscar Ferreira. **CURRÍCULO E EDUCAÇÃO DO CAMPO NA AMAZÔNIA: REFERÊNCIAS PARA O DEBATE SOBRE A MULTISSERIAÇÃO NA ESCOLA DO CAMPO CONSTITUIÇÃO DE 1946.** Autêntica, 2010.

HAGE, Salomão Mufarrej (orgs.). **Escola de direito: reinventando a escola multisseriada.** Belo Horizonte: Autêntica, 2010. (Coleção Caminhos da Educação do Campo; v. 2).

HAGE, Salomão Mufarrej. **Por uma escola do campo de qualidade social:** transgredindo o paradigma (multi)seriado de ensino. Em Aberto, Brasília.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social. Teoria, método e criatividade.** 21ª edição. Petrópolis- Vozes, 2002.

PARENTE, Cláudia da Mota Darós. **Escolas Multisseriadas: a experiência internacional e reflexões para o caso brasileiro.** Ensaio: aval. pol. Públ. Educ., Rio de Janeiro, v.22, n. 82, p. 57-88, jan./mar. 2014

RIBEIRO, Madison Rocha. **A formação continuada de professores de 1 a 4 série do Ensino Fundamental em Castanhal/Pará:** continuidade ou descontinuidade? 2005. Dissertação (mestrado em Educação) – Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2005.

SACRISTÁN, Gimeno.; GÓMEZ. Perez. I. **Compreender e transformar o ensino.** Porto Alegre: ArtMed, 2000.

SANTOS, F. J. S.; MOURA, T. V. **Políticas educacionais, modernização pedagógica e racionalização do trabalho docente:** problematizando as representações negativas sobre as classes multisseriadas. In: ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel;

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do Trabalho Científico.** 21. ed, São Paulo:

Cortez, 2001.

SILVA *et al*, Gilmar Pereira. **Educação do Campo na Amazônia: uma experiência/ Organizadores**: Belém: EDUFPA, 2007.

ARROYO, Miguel Gonzalez; CALDART, Roseli Salete; MOLINA, Mônica Castagna (Org.). Por uma Educação do campo. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004, 214p.